

# Apresentação

Maricel Mena López / Peter Theodore Nash

Quando pensamos no sulco, imaginamos o trabalho paciente das e dos camponeses que acordam cedo para semear a semente na terra que têm enxugado com seu suor. O labor de abrir sulcos na terra nos dá a idéia de que algo novo está nascendo, algo que necessita de nosso cuidado, de nosso carinho, algo que nos ajuda a encontrar novos sentidos para nossas vidas, novas identidades. Este sulco é fruto de um grande mutirão, feito por homens e mulheres comprometidas com a nossa terra, com a nossa ancestralidade.

E por isso que escolhemos a metáfora do sulco, pois ele nos coloca em contato com a nossa mãe terra, a nossa mãe África. Estamos certos e certas de que esse mutirão é um processo em construção, assim como o sulco que somente se renova com a ajuda de novas mãos.

Vivemos num período fértil do pensar teológico negro. Negros e negras no Brasil, na América Latina e Caribenha, nos vários países da África e na América do Norte estão refletindo teologicamente a partir das suas próprias comunidades e suas próprias experiências. Através deste pensar teológico o evangelho está alcançando novas regiões, não somente nas comunidades negras, mas também entre outras comunidades de pessoas que antigamente não se reconheciam no convite do evangelho embranquecido.

Porém não negamos e nem rejeitamos o período anterior, em que quase todos os trabalhos eram feitos por brancos e aqueles negros que trabalharam são lembrados como europeus, pais gregos ou latinos. Citamos Atanásio, bispo de Alexandria e autor de *Sobre a Encarnação do Verbo*, como um exemplo

dos pais africanos, que, no seu tempo, foi chamado “o anão negro”.

Essa época de embranquecimento da teologia, que esqueceu ou escondeu nossas raízes africanas, teve seu papel e foi importante, mas vivia numa iluminação européia falsificada que imaginou-se a fonte de luz para a humanidade toda. Agora o trabalho é resgatar a diversidade originária da fé cristã destacando as contribuições das negras e dos negros do passado. Agora a fase nova é: aumenta o número de trabalhos teológicos feitos por teólogos e teólogas negras que se atreveram a irromper no espaço teológico dos brancos e romper com o silêncio de séculos de marginalização das nossas igrejas.

Os textos que estamos compartilhando neste livro dão conta dos avanços e perspectivas da teologia e hermenêutica bíblica negra que se constrói e se aprofunda especialmente na Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil - IECLB. As inquietudes teológicas aqui expostas partem do coração das vivências de vida comunitária que se tecem no interior das comunidades da IECLB, comunidades estas desafiadas a um compromisso sério em defesa da vida dos e das afro-brasileiras que assumiram o seguimento de Jesus Cristo no interior das igrejas.

Contudo, não nos limitamos a textos elaborados pelos teólogos e teólogas da IECLB. Convidamos a participar deste projeto irmãs e irmãos de outras denominações eclesiais: metodistas, pentecostais, presbiterianos, católicos romanos, que nos acompanharam nestes anos de trabalho e reflexão teológica negra.

Assim, desafiavam as igrejas cristãs a

---

se assumirem como uma igreja brasileira com diversidade de rostos. Esse é um desafio urgente para as nossas igrejas cujos membros são majoritariamente brancos, porém, elas estão localizadas num país onde mais do que a metade da população é negra ou carrega traços da cultura afro em seu sangue. Os filhos e as filhas de Etiópia estão correndo a estender mãos cheias para Deus; com este livro convidamos os outros povos de Deus a correr conosco.

Na primeira parte, reunimos textos preocupados com a memória, com a história, com a tradição das nossas comunidades negras. Assim, o texto de Cazombo nos leva pelo mundo da tradição das nossas ancestrais femininas e sua caminhada na construção e preservação da herança religiosa e cultural africana. O texto de Santos vai aos alicerces da tradição luterana apresentando um texto sobre a teologia de Lutero e o povo negro. Em continuidade, Lhulhier Jr nos chama à necessidade de continuar sonhando com uma igreja mais inclusiva apresentando-nos uma proposta de reconciliação entre afro e teuto-brasileiros. Em seguida, Mena López apresenta um texto sobre o messianismo afro-americano visto a partir de uma obra literária latino-americana. Aqui a autora explora a teologia trazida pelas negras e negros sobreviventes do êxodo africano nas Américas. Quirino, por sua vez, nos oferece uma caminhada pelo mundo das comunidades afro-católicas que andam em busca de sua identidade por meio de práticas afro-celebrativas. Fecha esta seção da Silva, oferecendo-nos um estudo comparado entre provérbios bíblicos e da cultura africana bantu com o objetivo de nos aproximar da linguagem sapiencial feminina nestes contextos.

Na segunda parte, a nossa seleção de artigos é mais de caráter bíblico-teológico. Assim, abrimos esta seção com um texto de Nash que nos introduz na pergunta norteadora do conjunto desta obra: por que falar de negritude na Bíblia e na Igreja?, fornecendo-nos importantes subsídios bíblico-teológicos para a interpretação de textos na ótica do povo negro. Em seguida, Padilha nos oferece um importante artigo sobre a hermenêutica negra. Em continuação, Acosta apresenta um panorama sobre o que se tem produzido no Caribe. Wandermuren realiza um estudo bíblico de um texto paradigmático na luta pela emancipação das mulheres negras, Gn 21, sobre a história da escrava egípcia Agar. Ela analisa o texto desde uma perspectiva de gênero, classe e etnia. Logo após, Mena López apresenta um estudo metodológico em perspectiva negra e feminista, oferecendo-nos pistas para a compreensão da metodologia hermenêutica negra. Finalmente, Otto apresenta um texto sobre o nascimento de Jesus numa perspectiva da negritude.

Este sulco, fruto da nossa labuta comunitária, nos dá felicidade e esperança na luta pela nossa libertação, tem um tempero, um sabor, um cheiro especial. Este sulco quer adocicar a vida de muitas comunidades negras ao longo do continente latino-americano e caribenho e, se me permitem, num contexto maior, porque esta maneira de fazer teologia precisa ser saboreada além das nossas fronteiras.

Abrimos nossas colheitas. Aqui estão nossos frutos e seus cheiros: ABRINDO SULCOS!

São Leopoldo, RS  
Outubro de 2003